

**Tecer e empoderar: as entrelinhas do saber-fazer do crochê  
de um grupo de mulheres artesãs<sup>1</sup>**

***Weaving and empowering: the underlying of crochet know/  
how of a group of craftswomen***

***Tejer y empoderar: entre líneas del saber hacer del croché de  
un grupo de mujeres artesanas***

Bianca Xavier Lemes<sup>2</sup>  
Andréa Franco Pereira<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi desenvolvida com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>2</sup> Doutoranda e mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Artes Plásticas e licenciada em Arte Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: biancalemes7@yahoo.com.br, Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2848-6319>

<sup>3</sup> Doutora em Sciences Mécaniques pour L'Ingenieur – Université de Technologie de Compiègne (UTC, França). Professora do Departamento de Tecnologia do Design, da Arquitetura e do Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais. Designer de produto pela FUMA, atual Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: andreafranco@ufmg.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3633-4884>

**Resumo:** A presente pesquisa abordou o ofício do crochê e os valores relacionados ao saber-fazer do artífice, focalizando o trabalho de mulheres crocheteiras da região Sul do Estado de Minas Gerais, Brasil, pelo viés do patrimônio imaterial, estabelecendo interdisciplinaridade entre patrimônio, arte, artesanato e moda. Partiu-se do princípio de que a valorização do saber-fazer de uma comunidade contribui para a permanência da tradição, para a construção da identidade, da afirmação do sujeito e da cultura, bem como para a valorização do produto advindo do ofício. Investigou-se, por meio de uma abordagem de pesquisa-ação e de entrevistas semiestruturadas, de que maneira o saber-fazer pode valorizar um grupo de mulheres artesãs do Sul de Minas. Os resultados obtidos remetem à importância do encontro entre essas mulheres, favorecendo a troca de saberes e a permanência da tradição, e também revelam aspectos econômicos relacionados à geração de renda advinda da comercialização da produção artesanal.

**Palavras-chave:** saber-fazer; patrimônio imaterial; artesão; crochê; artesanato.

**Abstract:** This research has concerned the crochet craft and the related values to the know/how of the artificer, focusing on the work of women crocheters from the southern region of the State of Minas Gerais, Brazil, by the intangible heritage bias, establishing interdisciplinary between heritage, art, crafts and fashion. It has been assumed the principle that the valuation of the know/how of a community contributes to the continuity of tradition, to the construction of identity, the affirmation of the individual and its culture, as well as to the valuation of the product coming from this craft. Under an approach of action research and semi-structured interviews, it has investigated how the know/how can value a group of women artisans from the South of Minas Gerais. The results show the importance of the encounter between these women, favoring the exchange of knowledge and the permanence of tradition, and also reveal economic aspects related to income generation through the commercialization of artisanal production.

**Keywords:** know/how; intangible heritage; artisan; crochet; handcrafts.

**Resumen:** Esta investigación abordó el oficio del croché y los valores relacionados con los conocimientos del artesano, centrándose en el trabajo de las mujeres tejedoras del croché de la región sur del Estado de Minas Gerais, Brasil, a través del sesgo del patrimonio inmaterial, estableciendo la interdisciplinariedad entre el patrimonio, el arte, la artesanía y la moda. Se suponía que la valoración de los conocimientos de una comunidad contribuye a la permanencia de la tradición, la construcción de la identidad, la afirmación del sujeto y la cultura y la valoración del producto que proviene de la artesanía. A través de un enfoque de investigación-acción y de entrevistas semiestruturadas, se investigó cómo el conocimiento puede valorar a un grupo de mujeres artesanas del sur de Minas Gerais. Los resultados muestran la importancia del encuentro entre estas mujeres, favoreciendo el intercambio de conocimientos y la permanencia de la tradición, y también revelan aspectos económicos relacionados con la generación económica a través de la comercialización de la producción artesanal.

**Palabras clave:** saber hacer; patrimonio inmaterial; artesano; croché; artesanía.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo refere-se a uma pesquisa que teve como objeto o saber-fazer relacionado ao ofício do crochê, procurando estabelecer diálogos interdisciplinares com os campos do patrimônio, material e imaterial. O estudo revela o patrimônio cultural de um grupo de mulheres e provoca as questões aqui discutidas, entendendo o crochê para além de um ofício, a partir de elementos que entrelaçam tradição, arte, moda e artesanato. Esse fazer artesanal, transmitido pela tradição familiar, mantém-se vivo nas cidades de Campanha, Três Corações e em outras cidades localizadas no Sul de Minas Gerais, Brasil, trazendo consigo processos artesanais, por meio da memória e do cotidiano de um grupo de mulheres. Em meio à produção artesanal, nos lares dessas cidades, encontra-se a presença forte e anônima de mulheres que há anos exercem o ofício do crochê, transmitidos por suas mães, avós, tias ou outras mulheres. As peças por elas produzidas são vendidas nas cidades como artesanato, como objetos de decoração para casa e/ou peças de vestuário. Esta pesquisa tomou por base um sentido amplificado em relação ao artesanato, contemplando suas dimensões antropológicas, econômicas, sociais e culturais, pelo viés do patrimônio. Nessa visão ampliada, para além do âmbito comercial, voltou-se o olhar para as artesãs, considerando suas origens, suas individualidades e suas referências. Sendo assim, o presente artigo apresenta a reflexão levantada na pesquisa sobre como o saber-fazer tradicional valoriza um grupo de artífices do crochê, afirmando e reconhecendo a construção das identidades individuais e coletivas, de modo a possibilitar o desenvolvimento econômico, cultural e social do grupo em suas relações com a atualidade. Ao valorizar o artífice, valoriza-se também o produto advindo de seu trabalho, com possíveis desdobramentos positivos para o desenvolvimento da economia local.

## **2 O PATRIMÔNIO IMATERIAL: TRADIÇÃO E IDENTIDADE**

Nas últimas décadas, o termo patrimônio passou a contemplar conhecimentos nas mais diversas áreas e, conseqüentemente, ampliou-se o quadro de novos agentes e mecanismos de conhecimento para sua análise.

Pensar sobre o patrimônio de uma comunidade significa também olhar para seus aspectos culturais, sociais, econômicos, além de seus benefícios e impactos ecológicos. Segundo Castriota (2009), o patrimônio tem sido discutido a partir de dois aspectos: o primeiro refere-se às políticas de preservação/conservação; o segundo, ao bem cultural a ser conservado. O autor ressalta a necessidade de atenção aos valores incorporados aos bens culturais, e não apenas aos seus aspectos monumentais ou estéticos. Nesse sentido, Castriota (2009) afirma que, para se decidir o que é patrimônio, e os valores a ele incorporados, é necessário examinar sempre por que, como e por quem o patrimônio é valorizado. Para a preservação do bem cultural, sobretudo imaterial, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>1</sup> (IPHAN, 2012) aponta ser importante que esse seja praticado pela população local. Ademais, é fundamental analisar como o bem cultural se manifesta, de que maneira é transmitido pelas gerações, quem são as pessoas atuantes na manutenção dessa tradição e os vários aspectos relativos à existência do bem.

A palavra tradição, segundo Martins (1986), vem do latim *tradere*, que significa transferência, passagem. Desse modo, a etimologia da palavra refere-se à transmissão e está associada à noção de difusão. No entanto o autor ressalta que a diferença entre difusão e tradição é que a primeira refere-se “à transmissão da carga cultural de uma população” e a segunda “opera no tempo”, referindo-se “à transmissão da herança cultural de uma geração a outra da mesma população” (MARTINS, 1986, p. 27). No processo de transmissão, os bens culturais imateriais tornam-se vulneráveis, devido às constantes mutações e transformações inerentes à sociedade e aos próprios indivíduos que a constituem. Nesse sentido, Castriota destaca que “no mundo moderno, a lógica da cultura passa a ser a da própria mudança, da substituição incessante de valores e modelos” (CASTRIOTA, 2009, p. 39). Nessa mudança, surge a necessidade de considerarmos a preservação da tradição, em sua “dimensão dinâmica” que caracteriza a modernidade.

---

<sup>1</sup> O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), organismo de proteção ao patrimônio, criado ao final dos anos 1930, é vinculado ao Ministério da Cultura e é o responsável pela política de preservação da nação em nível federal no Brasil (IPHAN, 2012).

Valorizar o Patrimônio Imaterial do saber-fazer das artesãs no ofício do crochê, em um tempo no qual prevalece o imediatismo das máquinas e da efemeridade, contribui para o fortalecimento e a manutenção da tradição e da identidade local. Considerando-se que esta construção se dá a partir de relações em diferentes contextos, tecida no âmbito da história de cada pessoa, de sua família, dos círculos sociais nos quais convive, torna-se relevante saber quem é cada uma das mulheres crocheteiras e como relacionam-se entre si e com a comunidade, por meio do saber-fazer crochê. Segundo Hall (2005), a identidade social nos projeta em outras identidades, de modo a internalizar nos sujeitos seus valores e significados, tornando-os parte de cada um. Dessa maneira, os sujeitos se estabelecem no mundo social e cultural, ligando-se à estrutura social a partir da construção de suas identidades. Nesse sentido, o saber-fazer de um ofício pode reafirmar a identidade própria de um grupo de mulheres artesãs, possibilitando determinar suas referências a partir do bem imaterial, qual seja, o próprio fazer de uma produção manual, exclusiva, com caráter local, social, histórico e cultural. Esse fazer também se encontra em constantes mudanças, de acordo com o tempo em que vivemos.

## **2.1 O artesanato e a figura feminina no contexto artesanal**

A palavra ofício deriva do latim *officium* e significa realizar um trabalho aplicando técnicas e habilidades específicas. No regime de trabalho denominado artesanato, os ofícios estão ligados às habilidades artesanais e à figura do artífice ou artesão. Sennett (2015), em uma expansão do termo, afirma que é possível aprender sobre si mesmo pelo ato de fazer algo manualmente. Contudo o mesmo autor coloca que, ainda na Grécia, as habilidades práticas já não tinham tanto reconhecimento. O que poderia ter colaborado para isso seria o desenvolvimento da ciência clássica que “contrastava a destreza manual do homem com a força dos órgãos internos da mulher gestante; [...] partia do pressuposto de que o cérebro dos homens era mais ‘muscular’ que o das mulheres” (SENNETT, 2015, p. 33). Tal fato contribuiu para a diferenciação das habilidades por critérios de gênero, levando à aplicação exclusiva da palavra artesão aos homens,

termo ainda presente na sociedade atual, fruto do modelo patriarcal daquele tempo. A “moralidade cristã” também seria uma das principais influências na formação da figura do homem artífice da época. Segundo o autor, “a doutrina da Igreja geralmente considerava o tempo livre como uma tentação, o lazer, como um convite à indolência. Esse temor aplicava-se particularmente às mulheres. Eva encarnava a tentação, distraíndo o homem de seu trabalho” (SENNETT, 2015, p. 71). Esta moralidade veio juntamente do pensamento dos patriarcas da Igreja. Segundo seus preceitos, as mulheres deveriam manter as mãos ocupadas através de um artesanato, sendo o bordado ou a tecelagem as principais atividades manuais (SENNETT, 2015, p. 72). Tais fatos apontam como a sociedade da época baseava-se em princípios patriarcais, colocando a atividade do artesanato aquém das atividades clássicas, como a arquitetura e a engenharia, e, conseqüentemente, desvalorizando o trabalho da mulher em relação a outros ofícios e à própria sociedade.

Segundo Fachone, “a história do artesanato se confunde com a história do homem, pois a necessidade de produzir bens de uso rotineiro e ornamentos é expressão da capacidade criativa e do trabalho” (FACHONE, 2012, p. 61). A formação cultural de uma sociedade ocorre por meio da produção de seus bens e valores. Os artefatos, por nascerem dos saberes, costumes e técnicas passados pelas gerações, fazem parte do processo de identidade de seus membros, constituindo-se como “cultura material”. O termo nasceu no século XIX e ampliou-se para uma “maneira de melhor entender os artefatos que produzimos e consumimos, bem como a maneira em que estes se encaixam em sistemas simbólicos e ideológicos mais amplos” (FACHONE, 2012, p. 37-8). Conhecer a cultura material de um grupo social é importante, uma vez que, por meio desse saber, é possível compreender as condições de sua fabricação, os recursos utilizados como materiais, o aprendizado, o aprimoramento das técnicas e seus processos de transmissão do saber dentro do grupo (FACHONE, 2012). No mesmo sentido, Canclini (1989) afirma que devemos estudar o artesanato como processo, e não apenas como objetos em si mesmos, envolvendo, no processo, as relações sociais. Do mesmo modo, Keller (2014) coloca que o artesanato é concebido como “um fenômeno heterogêneo, complexo

e diversificado como forma de expressão cultural entre a tradição e a contemporaneidade” e, desta maneira, “está envolto em diversas dimensões sociais: cultural, econômica e institucional. Sua importância vem da capacidade deste segmento de promover a inclusão social por meio da geração de renda e ocupação e de resgatar valores culturais e regionais” (KELLER, 2014, p. 324).

Sennett (2015), tendo como referência o pensamento marxista, aponta que o artesanato foi a principal e mais importante atividade econômica realizada pelo homem no período que antecedeu a Revolução Industrial. No entanto o trabalho manual decaiu severamente com a chegada das máquinas na era industrial. A partir do século XVIII, na Inglaterra, iniciou-se um processo de migração para as grandes cidades por parte do homem do campo e, conseqüentemente, do artesão que trabalhava em casa. A partir de então, as formas de produção foram reconfiguradas, assim como as relações entre mestres e aprendizes.

No contexto brasileiro, o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (BRASIL, 2012) define o artesanato como sendo uma das mais ricas formas de expressão da cultura e do poder criativo de um povo, reafirmando sua autoestima e trazendo consigo questões econômicas e de inclusão social. Segundo Barbosa (2014), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra a prevalência feminina no artesanato. Seus dados indicam a existência de mais de 8,5 milhões de artesãos, entre os quais 87% são mulheres. Ao longo da história do trabalho da mulher no Brasil, é possível apontar que o trabalho manual ligado ao feitiço de comidas, tecelagem, pães e cuidados com o lar esteve sempre associado à figura feminina. Além disso, percebe-se que a distribuição de trabalho por gênero não esteve somente ligada à força de trabalho braçal, mas a interesses econômicos, políticos e a regras sociais, inserindo a mulher em um lugar de submissão e fragilidade. Entretanto observa-se que novas políticas vêm fazendo parte da construção do processo político e social, voltando o olhar para a presença feminina diante do mercado de trabalho.

As autoras Silva e Eggert (2011) afirmam que destacar as atividades exercidas pelas mulheres referentes ao trabalho feito em casa implica reconhecer o histórico de participação ativa das mulheres na construção do

todo social. Dessa forma, tanto o trabalho quanto as mulheres estariam em evidência, emergindo do anonimato. Neste contexto, o uso do termo *empoderamento*<sup>2</sup> vem ganhando relevância no que diz respeito à inclusão da mulher na sociedade. Seu uso está sempre ligado a fatores de ordem não apenas individual, mas coletiva, uma vez que se conecta em um contexto de processo político e social (LÉON, 2001). Ainda sob esta perspectiva, o empoderamento também pode ser discutido como fator de independência e autonomia que o trabalho manual pode dar às mulheres. Entretanto, como apontam Silva e Eggert (2011), a ideia de independência ainda é assustadora para a maioria das mulheres. Assumir que deseja algo e dizer “eu sou eu mesma” é uma conquista que demanda a superação de conflitos internos em diversas situações para mulheres, sejam meninas, sejam adolescentes, adultas ou idosas (SILVA; EGGERT, 2011, p. 44).

No que se refere especificamente ao crochê, na descrição das técnicas de produção artesanal do Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB), este é definido como uma “técnica desenvolvida com o auxílio de agulha especial terminada em gancho e que produz um traçado semelhante ao de uma malha ou de uma renda” (BRASIL, 2012, p. 41). O crochê enquadra-se na classe do “artesanato tradicional”, sendo um conjunto de artefatos da cultura de um grupo específico, representando suas tradições e a vida cotidiana. Pode-se referir a tal ofício como um saber pertencente à cultura popular, que segue padrões criados pelos próprios artesãos ou adaptados e redesenhados pelas diversas áreas, como o design, a arquitetura e a moda.

A prática do crochê segue tendo grande repercussão social. Com uma agulha e um novelo de linha, é possível tecer um universo riquíssimo de padrões, que são produzidos graças à facilidade de aplicação de três pontos básicos (Figura 1): corrente, ponto baixo e ponto alto (e variações tais como ponto baixíssimo e ponto altíssimo). Sua simplicidade e facilidade permitiram (e ainda permitem) que a técnica fosse praticada por mulheres

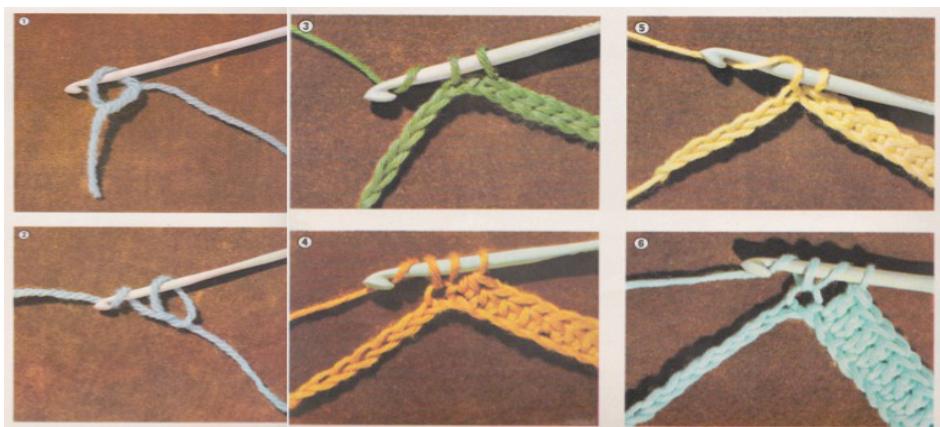
---

<sup>2</sup> Segundo Magdalena León (2001), o termo surge com o Movimento Social de Mulheres na década de 1960, em nível internacional, por meio de um grupo de mulheres que contestavam os modelos de desenvolvimento, colocando a necessidade de se olhar para a mulher e dar visibilidade a seus interesses dentro da sociedade.



de todas as sociedades. Na época contemporânea, vem adquirindo cada vez mais versatilidade, dados os avanços tecnológicos da produção de fios, bem como o potencial de criatividade que pode absorver.

Figura 1 – Pontos básicos da técnica do crochê: 1 e 2: correntinha; 3: ponto baixíssimo; 4: ponto baixo; 5. ponto meio alto; 6. ponto alto



Fonte: Revista Mãos de Ouro (1967).

O saber-fazer do ofício do crochê agrega, portanto, diversos aspectos que vão para além do fator econômico. Isto evidencia quem o produz, ampliando-se a análise sob uma perspectiva antropológica e social, pautando-a em fatores tais como identidade, pertencimento e autoestima como referências do sujeito.

### **3 METODOLOGIA**

A problemática da pesquisa deu-se em torno de como o saber-fazer valoriza um grupo de mulheres artesãs do Sul de Minas Gerais pelo viés do Patrimônio. Foram feitos levantamentos históricos e conceituais acerca da temática do universo feminino e do trabalho manual. Também foi analisada a importância do artesanato como gerador de renda e de fortalecimento da identidade, bem como a necessidade de valorização do produto e do artífice. Foi levantado, ainda, como o crochê vem sendo integrado a diversas áreas e ganhando novos espaços no mercado, na moda, nas artes e no design. A

metodologia seguida baseou-se em uma pesquisa social que, ao investigar os valores do ofício do crochê, fez uso de diversos instrumentos de análise, seja na vertente social, seja na econômica ou mesmo antropológica.

As principais referências metodológicas que embasaram a pesquisa foram Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt (2005) e Michel Thiollent (2011). As análises basearam-se em uma abordagem de pesquisa-ação, bem como em entrevistas semiestruturadas realizadas com um grupo de crocheteiras.

O perfil do grupo entrevistado é diversificado, tendo sido constituído por donas de casa que, além de tecer, cuidam do marido, dos filhos, da casa; professoras aposentadas que fazem crochê pelo prazer do ofício; e ainda mulheres que têm outra profissão fora de casa e que praticam o crochê como forma de complementar a renda da família.

Os resultados foram obtidos por meio do cruzamento entre levantamento histórico/conceitual e pesquisa de campo, juntamente das falas das crocheteiras, ao detectar pontos específicos do universo dessas artesãs.

### **3.1 A pesquisa-ação**

A análise fundamentou-se na pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2011), a pesquisa-ação apresenta um tipo de pesquisa social de forma empírica, baseada em uma estreita parceria por parte dos pesquisadores e participantes. No caso, a pesquisa-ação fez-se presente por dois aspectos: o primeiro se deve ao fato de as autoras serem também crocheteiras e, por isto, conhecerem de dentro todo o processo envolvido no saber-fazer do crochê; o segundo, pela parceria que uma das autoras tem estabelecido com parte do grupo de mulheres entrevistadas, com as quais desenvolve peças de vestuário em crochê produzidas para a grife de roupas Emerenciana, por meio da qual são comercializadas.

### **3.2. As entrevistas semiestruturadas**

Com base em Quivy e Campenhoudt (2005), foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o grupo de crocheteiras. Nessa etapa, as técnicas e os métodos de que tratam os autores embasaram uma abordagem social,

por meio da qual se pretendeu “compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta, [...] compreender com mais nitidez como determinadas pessoas apreendem um problema e [...] tornar visíveis alguns dos fundamentos das suas representações” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005 p. 19).

A partir do modelo proposto pelos autores, foi construído o modelo de análise apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Fases do modelo de análise

Conceito		Dimensões		Componentes	Indicadores	
Saber fazer	Patrimônio imaterial	Artesanato	Tradição	Feminino	Encontro	Geração de renda/autonomia financeira da mulher.
						Fortalecimento da identidade do grupo.
	Grupo de mulheres	Artesanato	Tradição	Feminino	Encontro	Pertencimento/valorização social.
						Necessidade de uma feira para escoar a produção.
						Produto manual.
						Transmissão do saber de geração em geração.
						Manutenção do ofício.
						A figura feminina ligada aos trabalhos manuais.
						Saber transmitido pelas mulheres da família ou conhecidas.
						Troca de saberes.
						Conversas específicas do grupo.
						Ampliação de seus conhecimentos/melhoramento da prática.
						Encontro virtual via redes sociais.

Fonte: Lemes (2017).

Foram entrevistadas dezessete mulheres com idades entre 17 e 84 anos de idade, que exercem o ofício do crochê nas cidades mineiras de Campanha e de Três Corações, trazendo questões relativas ao ofício do crochê, tais como: o feminino, o encontro, a tradição e o artesanato. A técnica de entrevista semiestruturada foi adotada com vistas a se obter elementos e dados correspondentes aos indicadores, definidos no modelo de análise exposto no Quadro 1. O trabalho foi desenvolvido durante 20 dias, por meio de visitas às casas das entrevistadas. As entrevistas foram registradas em áudio e vídeo e, posteriormente, transcritas.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Por um lado, as entrevistas semiestruturadas desvelaram aspectos relativos ao ofício do crochê ligados ao universo feminino, ao encontro, à tradição e ao artesanato (Quadro 1). Por outro lado, foram abordadas as relações da parceria previamente estabelecida entre as artesãs e uma das autoras. As análises serão apresentadas a seguir.

### **4.1 Tradição e feminino: a figura feminina na transmissão do ofício**

Constatou-se que a transmissão do ofício do crochê é feita exclusivamente pela figura feminina. A transmissão ocorre por meio das mulheres da família, mães, tias, avós ou mesmo com uma vizinha ou uma amiga próxima conhecida. É a figura feminina que se faz presente nas histórias e na transmissão do conhecimento para as meninas, iniciado desde a infância, entre os 6 e 11 anos de idade. O saber-fazer do ofício do tecer liga-se à tradição, desde tempos remotos, associando-se à figura feminina e ao desenvolvido no âmbito doméstico. No processo de transmissão, este saber ultrapassa a materialidade das peças produzidas, sendo associado ao fator de afeto entre mestre e aprendiz e ainda ao valor de estima dado aos produtos, que trazem consigo a memória, a identidade e a tradição das mulheres artesãs. A cada peça apresentada pelas artesãs durante as entrevistas, havia uma história para contar da infância, das avós, mães e dos encontros para tecer.

*Aprendi com minha avó materna e minha tia aos 9 anos. Minha avó deixava o crochê e saía, então, eu continuava a fazer. Então minha tia pegou uns paninhos redondinhos pra eu passar biquinho. Os primeiros ficavam horríveis, mas dali fui aprendendo os primeiros passos. Fui fazendo guardanapos, a casa da minha mãe ficou toda enfeitada pelos crochês: colchas, caminhos de mesa, tapetes, tudo fui eu quem tinha feito. (Shirley Lemes, entrevistada em 2016)*

*Aprendi com minha mãe. Uma exímia crocheteira que guardava cartas da embaixatriz da Grécia parabenizando-a pelos lindos vestidos em linha de seda. Desde os 7 anos faço crochê. (Marlene Novaes, entrevistada em 2016)*

*Quando eu era menina, eu devia ter uns 11 anos. Uma comadre da minha mãe fazia crochê, então eu pedi para aprender. Minha mãe, na época, tinha uns sacos de açúcar que vendiam no armazém do meu pai. Ela lavava, desmanchava e me dava as bolinhas de barbante. Então, essa moça me deu uma agulha e me ensinou a fazer “trancinha”<sup>3</sup>. (Maria Eugênia Maia, entrevistada em 2016)*

Entre os tipos de peças produzidas por essas mulheres, destacam-se: decoração da casa (toalhas de mesa, caminhos de centro, colchas para a cama, enxovais de casamento); e peças de vestuário (roupinhas de bebê, blusas, casacos). Quanto a essa opção pelos “tipos” de peças, Martins (1973, p. 16) ressalta que a escolha dos temas acontece de maneira individual a cada artesão e que não deixa de estar influenciada pela cultura e pelos modos de vida aos quais pertence. Tal fato se confirma nesse grupo de mulheres do crochê, que segue fazendo peças nos padrões que aprenderam na sua tradição e no meio em que vivem.

*Minha avó, com 100 anos, já tinha feito 95 colchas. Ela fazia rendinhas para anáguas, combinações com linha de carretel, e fazia metros e metros. Era uma linha finíssima. Minhas tias, avós, bisavós, todas faziam o crochê, era tradicional fazer enxovais para as filhas, netas, não era pra ganhar dinheiro, era porque gostava mesmo. (Shirley Lemes, entrevistada em 2016 / Figura 2).*

---

<sup>3</sup> Ponto inicial no crochê, também chamado de correntinha.

Figura 2 – Toalha de mesa tecida por Matilde e guardada pela neta, Shirley Lemes, como herança familiar



Fonte: Lemes (2017).

Sobre a transmissão do crochê para outras pessoas, constatou-se que todas as mulheres ensinaram o ofício para alguém da família ou para alguma pessoa conhecida. Transmitir o saber-fazer é um ato consolidado na tradição dessas mulheres, é parte do próprio processo de ser crocheteira, de aprender e ensinar o ofício.

*Já ensinei muito aqui na cidade, em Três Corações, onde tinha uma feira. Já ensinei pras minhas filhas, mas nem todas fazem. Acho que é nato, né? É de cada um. Já dei aula, inclusive, num curso que fiz na minha casa. Ensinar e ver a pessoa chegar com a peça pronta me dá muito prazer. (Marlene Novaes, entrevistada em 2016).*

*Ensinava na minha casa, tinha 5 moças que eu ensinava, 2 sobrinhas e 3 amigas. A gente se encontrava numa área grande que tinha na porta. (Paulina Fernandes, entrevistada em 2016)*

#### **4.2 O encontro: sociabilidade, trocas e preservação do ofício**

Outro fator verificado nas falas das entrevistadas, referente ao processo de transmissão, está relacionado ao encontro para fazer o crochê. O

encontro é momento de aprendizado, de aperfeiçoar as práticas e de compartilhar afeto entre o grupo. É o momento em que as artesãs se identificam por meio do saber-fazer, comum a todas, o que gera afirmação da própria identidade, sentimento de pertencimento social, aumento da autoestima e bem-estar a essas mulheres. Esse encontro alimenta não apenas a transmissão do ofício, mas fomenta também a coesão social entre o grupo. São amigas e conhecidas que estão unidas para a mesma finalidade: o fazer crochê. O encontro facilita as trocas e a adição de saberes, revalorizando quem o faz e reafirmando e sustentando a tradição.

*Nós nos encontrávamos todos os dias, a gente trocava pontos, experiências, dificuldades. Eu me sentia agora a mãe do crochê! Eu, minhas tias e avós, a gente sentava no alpendre e ficávamos crochetoando, contando dos namorados, da vida, do passado, das artes que a gente fazia. Ah, eu achava uma delícia! A gente trocava ideias e olhava nas revistas outros pontos. (Shirley Lemes, entrevistada em 2016)*

*Encontro um grupo de amigas quase todo dia. Uma vai na casa da outra, às vezes elas vêm pra cá, às vezes eu vou pra lá. É bom porque uma tira ideia com a outra, tira dúvida. Às vezes uma tá fazendo de um jeito e a outra vai lá e fala: não, faz assim que vai dar certo! Duas cabeças pensam melhor (risos). A gente conversa sobre o crochê, sobre o que cada uma tá fazendo. (Elene Alves, entrevistada em 2016)*

#### 4.2.1 O encontro virtual: uma nova maneira de transmissão do fazer

As entrevistas também apontaram que a tradição perdura não apenas pela transmissão direta entre as mulheres do grupo, mas por uma nova forma de difundir o saber, por meio do encontro virtual. Na sociedade atual, pela Internet, as relações virtuais tornam-se cada vez mais presentes, possibilitando o acesso a cursos, informações e trocas. Isso permite que mesmo os ofícios tradicionais, como é o caso do crochê, possam ser transmitidos em mídias contemporâneas, acompanhando as mudanças da sociedade atual. No caso das crocheteiras, o encontro virtual vem acontecendo de forma progressiva e positiva pelas redes sociais, tais como *Facebook*, *WhatsApp*, *Pinterest* e *Instagram*, por meio de trocas de mensagens escritas, fotos, gráficos de pontos e vídeos tutoriais.

*Tudo o que eu faço minha filha coloca no Facebook dela pra mim, aí o povo vê e quer comprar.* (Paulina Fernandes, entrevistada em 2016)

*Nós compartilhamos modelos, fotos, vídeos, fica muito fácil o aprendizado. Pela Internet dá pra aprender muita coisa. Esse jeito de encontrar é mais fácil de acontecer porque encontrar pessoalmente pra fazer crochê é mais difícil.* (Águeda Silva, entrevistada em 2016)

O encontro virtual é outra forma de participar do coletivo, tendo a Internet como meio de transmissão do saber entre pessoas e grupos, extrapolando o espaço doméstico e proporcionando trocas de saberes, assim como comercialização dos produtos das artesãs. Ter acesso às tecnologias fez com que grupo fosse também crescendo e melhorando suas práticas, a partir de oportunidades oferecidas pelo encontro virtual nas redes sociais e também por meio de vídeos explicativos e de fácil acesso com conteúdos sobre o crochê. O encontro virtual propiciou a algumas mulheres do grupo, por meio de suas redes sociais, a criação de canais para vender seus produtos, recebendo encomendas de diversas partes dos Brasil. Assim, essas tecnologias afetam positivamente tanto o saber-fazer quanto a produção das peças artesanais.

### **4.3 O artesanato: fator econômico e o gosto pelo fazer**

No encontro virtual, além da troca de saberes entre as mulheres crocheteiras, há também o fator econômico, que se desenvolve com maior facilidade, aumentando a oportunidade de mostrar os trabalhos e vendê-los para um número grande de pessoas. Constatou-se que a transmissão do conhecimento via on-line se dá de forma acessível, permitindo a difusão e manutenção do ofício do crochê. A tradição acontece, então, adaptando-se às tendências do mundo atual. Assim, o crochê, arraigado à tradição do grupo de mulheres, passa também por mudanças, não deixando para trás as memórias de suas gerações anteriores. A Internet abre uma nova forma de comunicação, que é independente da distância ou do horário, sendo também lugar onde existe relação de troca, conhecimento, amizade, confiança e afeto. A agregação do encontro virtual associa-se a aspectos da globalização, inovando as formas de produção, assim como as relações



sociais. Nesse sentido, Hall (2005) aponta que “embora pareça improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais, é mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identificações ‘globais’ e *novas* identificações ‘locais’” (HALL, 2005, p. 78).

Associadas à questão financeira e aos demais fatores proporcionados pelo encontro, as entrevistas revelaram ainda o gosto pelo fazer, ligado diretamente ao prazer e bem-estar que o tecer proporciona a essas artesãs.

*O meu dinheiro é do crochê, para eu fazer minhas despesas, minhas coisinhas. O meu trabalho é só o crochê. Eu amo! É muito gratificante você pegar o fio e transformar numa peça. Eu adoro fazer!* (Agueda Silva, entrevistada em 2016)

*Eu acho muito bonito! Dá uma satisfação muito grande. Todas as pessoas que fazem crochê são pessoas sensíveis. Só o tempo que a pessoa se dedica àquele trabalho. O crochê me acalma. Pra mim, crochê é a minha maneira de passar alguma coisa pro mundo, embora as pessoas não entendam isso. Amo o crochê, de verdade, e agradeço minha mãe que me ensinou, a Deus, por fazer esse crochê leve, alegre, e até o dia que eu puder e vou fazer.* (Marlene Novaes, entrevistada em 2016)

*Eu gosto e ajuda na renda. Mas eu acho que é mais porque eu gosto. Pra mim, é como uma terapia, me acalma. Se você fizer com amor, com gosto, gostar do que faz... Eu adoro quando vejo a peça pronta, para mim é um prazer, é muito gostoso.* (Angelina Rodrigues entrevistada em 2016)

No quesito “gosto pelo fazer”, foram verificados aspectos emocionais e terapêuticos. Nesse sentido, Sennett (2015) observa que a habilidade manual oferece recompensas emocionais às pessoas que a exercem, ligando-as “à realidade tangível”, fazendo que elas “orgulhem-se do seu trabalho”. Ao mesmo tempo, por buscarem “padrões de excelência”, o autor afirma que o artífice, pelo simples prazer de fazer algo bem-feito, passaria por “pressões competitivas, frustrações ou obsessões” (SENNETT, 2015, p. 19, 20).

Outro fator importante relacionado ao processo do trabalho manual e ao tecer das crocheteiras remete à interrupção do ofício por motivos ligados à saúde. Segundo algumas entrevistadas, em razão da idade avan-

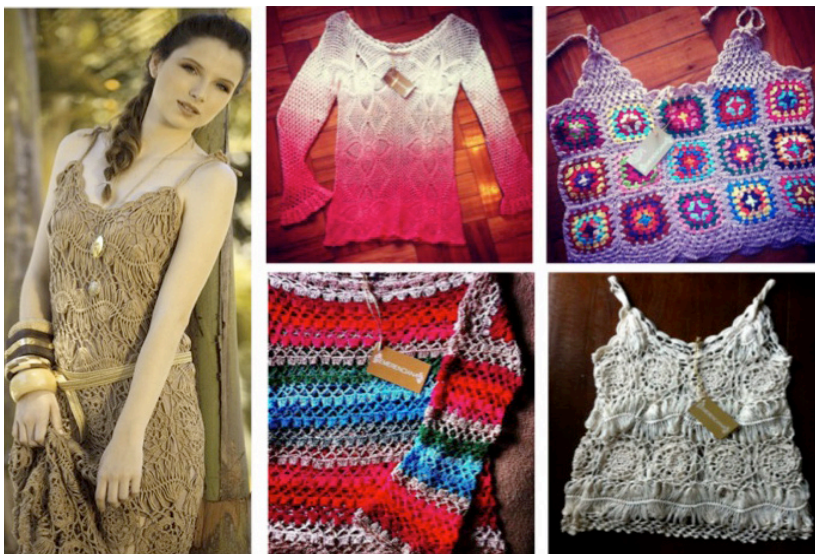
çada, limitações surgem ligadas a problemas para enxergar, dores nas mãos e nos braços, como consequência do excesso de movimentos repetitivos, falta de lucidez e mesmo falta de vitalidade. Entretanto observou-se que o gosto e o prazer em fazer o crochê, apesar destas dificuldades, levam-nas a insistir na prática.

*Ah, se Deus quiser vou continuar a fazer crochê. Se eu não morrer ou caducar, né? Porque as mais velhas tão caducando. Eu acredito que o trabalho manual ajuda muito a cabeça. Eu tive um derrame e perdi muito os movimentos das mãos, tive que dar uma parada, mas o crochê que ajudou a melhorar. (Wanda Furtado, entrevistada em 2016)*

#### **4.4. A parceria estabelecida com as artesãs**

A parceria entre uma das autoras e as artesãs proporcionou o estabelecimento de trocas e cooperação entre as partes para a resolução de problemas, aproximando ciência e saber popular. Essa estreita parceria aconteceu por meio da produção e das vendas de peças produzidas no crochê. A parceria envolveu o encontro e as trocas de saberes, incrementando as práticas, a coesão do grupo e a manutenção da tradição. Como consequência, foi percebida uma ampliação do mercado das vendas das peças em feiras e eventos, possibilitando ganho financeiro para o grupo e colocando o crochê feito por essas mulheres diante de um público consumidor que valoriza o trabalho artesanal. Houve ainda uma nova aplicação (Figura 3) para o crochê desenvolvido por essas mulheres, extrapolando o uso das peças como utilitários no espaço doméstico. Para as artesãs, inserir-se no campo da moda propiciou ampliar as possibilidades estéticas e de experimentações, assim como impulsionou o ganho de novos mercados, em que o crochê é valorizado e compreendido em seu aspecto de produto feito à mão. Abriu-se às artesãs uma nova realidade, em que foram aprimoradas a produção das peças e a qualidade do produto, impulsionando as vendas e, ao mesmo tempo, agregando a experiência de cada uma delas em novas possibilidades estéticas. A circulação das peças em novos circuitos comerciais representou o reconhecimento e a valorização do trabalho, promovendo satisfação e autoestima entre todo o grupo de artesãs.

Figura 3- Montagem de peças tecidas pelas artesãs do Sul de Minas em parceria com a Emerenciana Crochê.



Fonte: Lemes (2017).

Constatou-se que o ofício do crochê carrega consigo valores para além das peças tecidas, fomentando o encontro de mulheres, a conversa, as trocas de conhecimentos e o incremento das práticas, fortalecendo a identidade e a própria sustentabilidade do ofício.

Um fator interessante percebido nesse grupo de mulheres foi o reconhecimento dado a elas em suas cidades por fazerem crochê. Não obstante observa-se nas cidades pesquisadas a falta premente de incentivo por parte dos órgãos públicos para o artesanato.

Os resultados demonstram que o saber-fazer vem fortalecendo a identidade do grupo de mulheres crocheteiras, no encontro social, virtual, nas vendas das peças, no próprio fazer, consolidando as relações sociais, culturais e da tradição que lhes são implícitas. Assim, o ofício fomenta a autoestima e traz para as artesãs a sensação de pertencimento social e o efetivo empoderamento, fazendo com que o artesanato represente uma forma de resistência e independência, passando a ser a voz de como essas mulheres se expressam e se colocam no mundo.

## 5 CONCLUSÃO

A pesquisa trouxe uma reflexão acerca do saber-fazer do crochê de um grupo de crocheteiras do Sul de Minas que herdaram o ofício de mulheres de gerações anteriores e, ainda hoje, por meio da tradição, continuam transmitindo o fazer, acompanhando as mudanças que ocorrem na sociedade, por meio das mídias contemporâneas. Este saber-fazer se dá pelo trabalho manual presente desde os primórdios da existência do homem, associado no decorrer da história à figura feminina, quase sempre sob uma ótica do pensamento patriarcal da sociedade.

Por um lado, este ofício, realizado no âmbito doméstico, traz independência financeira e afirma o papel dessas mulheres como chefes de família, por meio da comercialização do artesanato que produzem. Ganhar o próprio dinheiro com o ofício que exercem dá ao grupo empoderamento diante da sociedade, fazendo com que as mulheres sejam reconhecidas e valorizadas. Por outro lado, reconhecer e valorizar o saber-fazer é trazer à tona referências da cultura de um povo, a qual se originou de um conhecimento popular, tendo como marcas passadas e atuais a memória de um grupo comunitário com identidade própria.

Entretanto, pelo viés do patrimônio imaterial, deparamo-nos com a valorização do saber-fazer diante do sistema econômico atual, refletido, sobretudo, na desvalorização da mão de obra do artesão. Em contrapartida a esse sistema, mas buscando formas de diálogo com a realidade, encontram-se artesãos que ganham suas vidas com o produto de seu trabalho, refletindo sua maneira de estar no mundo.

O crochê pertence à tradição e, sendo assim, pode sofrer constantes processos de modificação ao longo do tempo, adequando-se às mudanças da sociedade. É importante ressaltar que as parcerias estabelecidas entre o artesanato e as demais áreas, como artes plásticas, design e moda, podem se tornar meios positivos para que o produto gerado pelos artesãos possa ter um maior valor agregado. Por outro lado, é importante que essa projeção no mercado procure reconhecer e preservar as peculiaridades desse saber-fazer, valorizando os aspectos humanos, sociais e da tradição implícitos no

produto artesanal. Essa parceria para a valorização do artesanato deverá, contudo, ter apoio dos órgãos governamentais e locais, uma vez que seus resultados manifestam-se diretamente na própria construção da cidadania e da economia local.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Vera Lúcia Ermida. *Mulher e artesanato: as artesãs do povoado do Bichinho/Prados-MG*. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Programa do Artesanato Brasileiro. *Base Conceitual do Artesanato Brasileiro*. Brasília, 2012.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Las culturas populares en el capitalismo*. 4. ed. México: Nueva Imagen, 1989.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

FACHONE, Savana Leão. *Design e artesanato: o sentido do fazer manual na contemporaneidade*. 2012. Dissertação (Mestrado em Design)- Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)*. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=149](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149). Acesso em: abr. 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN) – *Patrimônio cultural: para saber mais*. 3. ed. Brasília, DF: Iphan, mar. 2012.

KELLER, Paulo F. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. *Política & Trabalho. Revista de Ciências Sociais*, João Pessoa, PB, n. 41, p. 323-47, out. 2014.

LEMES, Bianca Xavier. *O “saber-fazer” do crochê: valores do artífice e do patrimônio imaterial*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundo en los estudios de género. *La Ventana*, v. 2, n. 13, p. 94-106, 2001.

MARTINS, Saul. *Folclore: teoria e método*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1986.

MARTINS, Saul. *Contribuição ao estudo científico do artesanato*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em ciências sociais – trajectos 17*. 4. ed. Lisboa: Gradiva, 2005.

REVISTA MÃOS DE OURO. *Enciclopédia semanal de trabalhos manuais femininos*. São Paulo: Abril Cultural, 1967.

SENNETT, Richard. *O artífice*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SILVA, Márcia Alves; EGGERT, Edla. Descosturar o doméstico e a “madresposa” – a busca da autonomia por meio do trabalho manual. In: EGGERT, Edla (Org.). *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. 1. ed. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2011. p. 39-57.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.